

Federico **LORENZ**
Universidad de Buenos Aires
federicoglrenz@gmail.com

Tradução: Carlos Henrique Lopes de **ALMEIDA**
Universidade Federal do Pará - UFPA
carlosha@ufpa.br

Resumo: *O presente artigo tem como principal objetivo problematizar o conceito de resistência a partir de perspectivas ligadas à história, considerando exemplos que refletem a relação do termo com contextos militares e bélicos, mais particularmente no cenário argentino de 1950. Nessa mesma direção, o autor elabora analogias que aproximam as relações entre os vencedores e os derrotados, ambos como formas de resistência. Os pressupostos reflexivos ainda contemplam a ideia de resistência como representação de um coletivo e projeção de futuro.*

Palavras-chave: Resistência. O Eternauta. Ditadura Argentina

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo problematiza el concepto de resistencia a partir de las perspectivas relacionadas a la historia, teniendo en cuenta ejemplo que reflejen la relación de la idea con contextos militares e bélicos, mas específicamente en el escenario de 1950. De igual forma, el autor elabora analogías que acercan las relaciones entre los vencedores y los derrotados, ambos como formas de resistencia. Los presupuestos reflexivos contemplan aún la idea de resistencia como representación de un colectivo y proyección de futuro.

Palabras-clave: Resitencia. El Eternauta. Dictadura Argentina

*Publicado originariamente em espanhol em: SARMENTO-PANTOJA, Augusto (et. al.). **Memória e Resistência:** percursos, histórias e identidades. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2012.

*

“Resistir”, desde a etimologia, remete às virtudes militares. Uma de suas acepções é “manter-se firme”. Desse modo, por exemplo, os hoplitas¹ espartanos concebiam o valor: a coragem não estava nas ações individuais, mas sim em permanecer na formação da falange, na linha que unia o destino de um cidadão ao de seus companheiros. O soldado Aristodemo², sobrevivente das Termópilas (480 A. C.), viveu vergonhosamente até que entregou a sua vida valentemente numa batalha no ano seguinte, em Platea. Assim foi perdoado, porém não recebeu prêmio pelos seus rigorosos concidadãos: na busca da morte gloriosa havia abandonado a formação dos *Homoioi*, os iguais. (Lendon, 2011, p. 76 e SS).

Muitos séculos depois, o escritor Héctor Germán Oesterheld, desaparecido durante a ditadura militar argentina (1976-1983) propunha uma ideia similar. Em um prólogo escrito para sua história em quadrinhos *O Eternauta*, explicava que não existe o herói individual. No seu relato, sob os flocos da nevada mortal que arrasava a vida em Buenos Aires, a resistência aos invasores extraterrestres tomou forma a partir da extensão em pequenos círculos concêntricos, surgidos de núcleos de parentesco ou afetivos: uma casa na qual se reuniam amigos para jogar truco.

A forma de resistência com a qual nos identificamos, então, remete à luta e ao esforço coletivo. Imagine um fio profundo construído no decorrer dos séculos e em diversos continentes, e se pergunte pelas formas de resistência reconhecendo a sua antiguidade, mas lutando contra as essencializações que muitas vezes são paralisantes.

Posições e bastiões defendidos até a última gota do sangue, a vida entregue em nome dos que fogem; as relações com lutas emancipatórias são praticamente óbvias. No entanto, é importante assinalar que as representações da resistência não se esgotam nos enfrentamentos armados ou na guerra. A pergunta sobre as suas traduções classicistas, por exemplo, (sua associação às virtudes próprias do mundo do trabalho, como a força, a paciência, ou o vigor, além de diversas conotações dos setores populares) é bem relevante.

¹ Segundo o dicionário Houaiss hoplita é “na Grécia antiga, soldado da infantaria duramente armado [Um hoplita portava, ger., capacete, escudo, couraça, cnêmides, lança e espada]”.

² Sobre a ação de Aristodemo e as referidas batalhas temos a descrição de Heródoto em *História*, Livro VII, capítulos: CCXXIX – CCXXXI; Livro IX, capítulo LXX.

Mas não podemos desconsiderar o peso que as imagens bélicas tiveram na construção de certas imagens sobre a resistência e os resistentes, sobretudo nos partidos políticos ou grupos de tradição revolucionária.

A épica da resistência se constrói, também, na noção de um enfrentamento do forte contra o fraco e da justiça contra a injustiça. Os *maquis* contra os ocupantes alemães, os guerrilheiros na antiga União Soviética, na Itália, Augusto Sandino na selva centroamericana. Esta ideia abreva e ganha força, então, com imagens sobre o bem e o mal, do justo e do injusto. O pequeno e derrotado é por antonomásia alguém com a justiça do seu lado; por oposição, o vencedor e o poderoso estão conotados de características malignas.

Vejamos um exemplo. Na década de 1950, após a derrocada de Juan Perón, em 1955, nas paredes de um bairro popular de trabalhadores, apareceu um grafite desafiante: “Os *ianques*, os russos e as potências reconhecem à Libertadora. Villa Manuelita, não”.

É difícil não se emocionar na frente de uma simples escrita: “Não importa que os Estados Unidos, a União Soviética e outros países reconheçam o governo dos golpistas de 1955” (“A libertadora”) dizem as pinceladas de cola e carvão. Os moradores de *Villa Manuelita* sentem outra coisa. Os vizinhos do bairro, alguns deles seguramente resistentes, expressavam que havia um coletivo que, ainda sob condições de força e proscrição, desconhecia e enfrentava a autoridade da ditadura sem que importasse o apoio dos poderosos que esta exibia. Expressava, na verdade, uma adesão (por mais nebulosa que possa se imaginar) a uma concepção do mundo (cultural, político, social, econômico) em comparação com outros, traduzida em projetos antagônicos.

Se são vitoriosos, as resistências aparecem nos relatos nacionalistas fundacionais, constituindo o que pretende construir uma identidade (as lutas contra as ocupações, pela independência, as mais recentes lutas de libertação nacional). Mas outras vezes, a resistência culmina na derrota, e sem dúvida esse é um componente central nas formas imaginadas por nós hoje como conceito, objeto e problema. De alguma forma, a resistência derrotada constitui ao vencido em vencedor moral: os republicanos espanhóis são talvez exemplos paradigmáticos.

Muitos dos militares argentinos que participaram da repressão ilegal se consideram vencedores na guerra, mas derrotados na batalha ideológica. É interessante pensar no paradoxo que o cinismo desses assassinos projeta. No início do terceiro milênio, podemos ver que poderes de diferentes signos e identidades, mas no geral reacionários e regressivos, venceram lutas nas quais a resistência (deles e de quem os enfrentou) foi colocada à prova. Tais poderes serviram como disciplinadores eficientes para pessoas como as recentemente condenadas na Argentina por delitos contra a humanidade.

Assim, embora as resistências não possam ser analisadas separadas do auge das memórias, deveríamos fazer justiça a elas assim como pensá-las, da mesma forma como tentamos destacar no início destas linhas, enquadradas por tradições e marcos conceituais mais antigos. Porém como as memórias foram associadas desde meados do século XX, precipuamente, à experiência das vítimas e à dita resistência à vontade da memória e justiça, é lícito nos perguntarmos até que ponto essa matriz histórica e cultural teve o conceito, mantendo, talvez, seu caráter identitário, sua imagem de força, de reservatório e de refúgio, no entanto polindo sua força prospectiva e revolucionária.

Nesse caminho, o referido debilitamento da força ocorreu pelo fato de que o século XX contextualizou as maiores derrotas dos movimentos emancipatórios. O conservadorismo venceu, mas paralelamente a essa vitória se expandiu um campo de condenação formal aos mecanismos pelos quais tal vitória foi obtida, que por extensão estigmatiza os projetos que foram confrontados por eles. Para Alain Badiou, esta é uma época de “inflação moral”. Condena-se

El furor tanto revolucionario como totalitario, mientras que pasa a segundo plano el triunfo del capitalismo y del mercado mundial (...) Por fin, al enterrar las patologías de la voluntad desatada, la correlación bienaventurada del mercado sin restricciones y de la democracia sin orillas habría instaurado el sentido del siglo como pacificación o sabiduría de la mediocridad. (BADIOU, 2005, p. 14)

Se, como destacamos, a representação da resistência constrói o lado dos justos como frágil e pequeno, como transformá-lo politicamente em forte e hegemônico?

Não estamos propondo recuperar de forma acrítica os projetos derrotados, mas para manter o potencial revulsivo ao qual sua evocação e historicização nos leva. Retirá-los

do espaço inflacionário, denunciado por Badiou, e torná-los históricos. Nessa direção, a noção de resistência dos seus caminhos, histórias e identidades, deve ser repensada, não através de uma linearidade automatizada, mas por meio de uma teleologia (tão cara às forças que terminaram derrotadas por adaptar aos seus projetos à realidade) pelo menos o abandono da circularidade, esse labirinto sem saída, às vezes tão embriagador a partir de uma perspectiva estética, imposto de algum modo pelo atual clima de ideias.

Por uma casualidade, como uma marca geracional (o autor deste texto foi escolarizado na segunda metade da década de setenta, ou seja, viveu a sua infância durante a ditadura, adolescência na democracia e juventude na década neoliberal), os desafios que enfrentamos como sociedade são vistos na resistência dos indignados.

Os grupos que se reúnem nas praças e espaços públicos de diferentes cidades do mundo revelam um ponto (possível) de inflexão. Mas como recuperar o segundo momento da resistência? Em outras palavras, como avançar? Perguntas que somente podem acontecer com a ideia mais básica de um “para onde”. Permanecendo firmes e resistindo, pois é para avançar, seja na forma de um mandato, de uma recordação, ou de um projeto materializado. Pensar as resistências historicamente, então, é ao mesmo tempo, estudar projetos e identidades na história e imaginar os nossos na atualidade.

Então um sinônimo de “resistência” é “futuro”. E assumida esta ideia, torna-se inevitável uma pergunta sobre o nosso lugar como pesquisadores, o que nos obriga a repensar os critérios de legitimação do saber os quais também foram impostos nos tempos de derrota.

Referências

- BADIOU, Alain. **El siglo**, Buenos Aires, Manantial, 2005.
- HERÓDOTO. **História**. Tradução J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Clássicos Jackson, 1950.
- HOUAISS. Dicionário Eletrônico Houaiss. Versão 3.0, São Paulo: Objetiva, 2009.
- LONDON, J. E. *Song of Wrath: The Peloponnesian War Begins*. New York: Basic Books, 2011.